

# VARIAÇÃO NA FALA E NA ESCRITA E SUA APLICAÇÃO PEDAGÓGICA

## Introdução

Neste texto, tenho como objetivo expor os avanços que venho fazendo nos meus estudos aplicados. Após a publicação do livro *Influência da fala na alfabetização*, em Mollica, 1998, tenho insistido na direção de uma preocupação de pesquisa que tenha função social clara, resultante dos meus estudos voltados todos esses anos para os fenômenos variáveis na fala. A direção aplicada da minha pesquisa visa procurar caminhos viáveis para promover uma transposição das descrições variacionistas para a prática pedagógica, tanto na perspectiva do trabalho do professor quanto na do aluno. Na publicação referida, eu indico alguns princípios para se trabalhar na escola a variação, bem como as estratégias pedagógicas concretas para algumas regras fonológicas que afetam o processo de apropriação da escrita. Continuo a testar outras regras variáveis já estudadas para a fala, com a finalidade de construir, numa etapa final mais a longo prazo, material instrucional, que incorpore orientações concretas e factíveis para se lidar pedagogicamente com a variação.

Metodologicamente, tenho aplicado testes em diversas séries (especialmente as de nível fundamental) com outras regras variáveis, verificando o grau de acerto no que se refere ao uso das variantes standard primeiramente na língua escrita. Neste texto, exponho tão somente parte dos resultados realizados quanto à concordância nominal.

O teste foi aplicado nas quatro primeiras séries de uma escola pública do Município do Rio de Janeiro, constituída de população estudantil marcadamente carente. Com base em Scherre (1988), foram controlados os fatores 'marcas precedentes', 'saliência fônica' e 'posição do elemento dentro do sintagma nominal'. Os fatores sociais controlados são sexo e nível de escolarização. Além desses, estou querendo saber se o desempenho dos alunos, mesmo numa situação escolar em que os indivíduos já se encontram monitorados, é melhorado (otimizado) quando são dadas instruções explícitas quanto ao efeito de fatores (já conhecidos por descrições sociolinguísticas voltadas para os fenômenos na fala) que inibem ou favorecem as variantes padrão/ não padrão.

Reduzi a pesquisa para sintagmas de três elementos apenas, de núcleo nominal e só foi possível trabalhar com um número restrito de variáveis, pois, em outra circunstância, a testagem se tornaria inviável. Não farei explicações quanto às variáveis estruturais testadas, pois são por demais conhecidas e acham-se bem explanadas nos inúmeros trabalhos de Scherre (cf. por exemplo Scherre, 1988).

Por uma questão de espaço, o teste não está sendo mostrado aqui (cf. Mollica, 1999), mas devo assinalar que as sentenças e os itens escolhidos no teste atendem às características dos fatores das variáveis já mencionadas. Apenas para se ter uma idéia, descrevo alguns exemplos de configuração sentencial presente no teste. Por exemplo, numa sentença, encontramos: elemento na 1ª. posição, saliência mínima, ausência de marcas precedentes; em outra sentença, combinam-se o elemento em 1ª. posição, ausência de marcas precedentes porém com grau de saliência maior, com itens terminados em -ão; numa outra, é incluído o controle de elemento em 3ª. posição dentro do sintagma, a presença de marcas precedentes e saliência mínima.

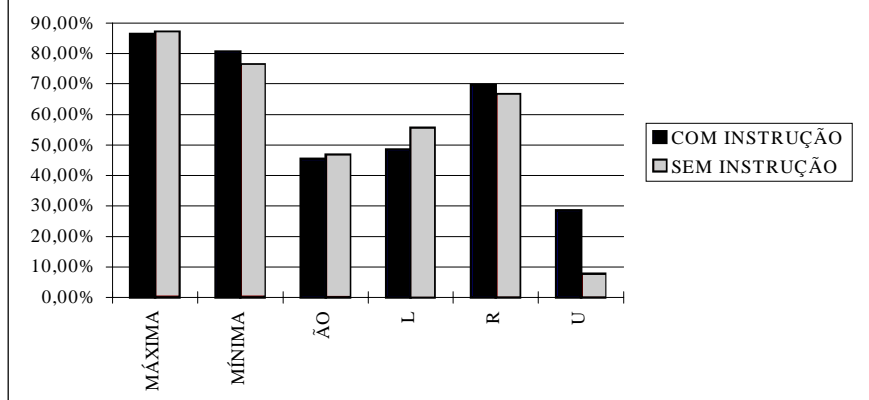
Aplicado nas quatro primeiras séries, cada uma das quais reagrupadas em um grupo de alunos que recebeu instrução explícita sobre o efeito de cada variável com relação à regra de concordância nominal em referência à modalidade culta e outro grupo que não recebeu qualquer instrução, e tabulados os questionários eliminando-se dados ilegíveis ou não previstos como respostas, os resultados mostraram-se, em geral, na direção do que já venho encontrando para outras regras variáveis.

## Resultados e hipóteses

O primeiro gráfico a ser mostrado atesta o que tenho encontrado para outros fenômenos: o grau de concordância aumenta bastante se há uma instrução explícita a respeito. Note-se que, neste gráfico, as diferenças entre séries e todas as outras variáveis em jogo foram neutralizadas, isto é, desconsideradas.

Pode-se observar então a relevância de um monitoramento explícito sobre a regra de concordância nominal no português escrito, uma vez que o grupo com instrução apresenta taxa bem maior de concordância em relação ao grupo de alunos que não foi alertado explicitamente durante a aplicação do teste.

### GERAL - SALIÊNCIA FÔNICA - CONCORDÂNCIA NOMINAL



Se analisamos os resultados segundo as variáveis estruturais em controle (já mencionadas), observamos que o efeito da instrução dirigida não se mostra tão eficiente em todos os dados. O gráfico II que se segue procura representar (também desconsiderando a seriação escolar) o que ocorre com saliência fônica.

Várias questões devem ser ponderadas mediante esses resultados. A primeira delas tem a ver com o princípio mesmo da saliência fônica, uma vez que, ao se tratar de língua escrita, a questão sonora não faz muito sentido. Esta me parece ser a justificativa para o fato de praticamente não haver diferença nos resultados entre os graus mínimo e máximo da escala proposta pelo princípio (cf. Lemle & Naro, 1977). Mesmo assim, pode-se supor que os resultados de quase 100% tanto para o grupo de alunos com instrução como para o grupo sem instrução com relação ao grau máximo da escala (*ovo/ovos*), onde na fala o score de concordância é muito alto, sejam responsabilizados pelo fenômeno de reflexo da escrita na fala. Por outro lado, deve-se levantar a hipótese de que casos como *fogo/fogos* acabam sendo interpretados, para o aprendiz em processo de letramento, como uma forma em que se aplica a regra mais geral de plural, realizado através do acréscimo de -s. Essa explicação é bastante plausível, uma vez que o índice de concordância para grau mínimo e máximo nos grupos com e sem instrução são altos, bem próximos de 100%, e são praticamente semelhantes, como se pode comparar no gráfico II.

O caso do grau mínimo da escala de saliência fônica com score tão alto de acerto quanto ao padrão deve explicar-se então porque se trata justamente de dados cujo plural é regular pelas gramáticas, realizando-se simplesmente pelo acréscimo do morfema -s, regra introduzida na escola desde as séries de alfabetização. Mesmo assim, o reforço desta regra com uma instrução mais explícita eleva ainda mais o índice da concordância, como se observa no gráfico II, ainda que a margem diferencial seja pequena.

Os demais casos, de palavras terminadas em -ão, -r, -l e -u conduzem a outras reflexões. Podemos

pensar, inicialmente, que é o princípio de saliência fônica que está atuando, porque os itens terminados em -r, cujo plural se realiza por meio da adunção de -es, são os alvos de maior acerto por parte dos alunos. Ora, esses casos situam-se num segundo nível da escala após as formas de plural regular. Prefiro explicá-los se seguindo o raciocínio que me leva a suspeitar que a escola introduz de início as formas mais simples, cujo plural se faz pelo acréscimo de -s e -es. No teste, são os vocábulos como *casa/casas*, *passarinho/passarinhos* ou *flor/flores*. Devo assinalar que, no caso de plural com -es, a variável 'com instrução' mostrou-se relevante.

Tomem-se agora para análise palavras terminadas em ão, l e u. Segundo o gráfico II, os índices de acerto, na escrita, nesses casos é bem mais baixo, e a variável com instrução só funcionou em vocábulos terminados em u. Penso que novamente devemos admitir que o princípio da saliência fônica, tão relevante para a fala, não é propriamente o fator determinante para o processo de aprendizagem da regra de concordância nominal no processo de letramento, especialmente em crianças.

No teste, os vocábulos terminados em u são *degrau* e *chapéu* cujo plural *degraus* e *chapéus* (regular) oferece dúvida até para os falantes mais maduros e mais escolarizados; para ão, temos *coração* e *avião*. Nenhum aluno errou em *coração*, e os problemas só ocorreram na palavra *avião*. Isso não constituiria motivo para pensar novamente que a questão, na língua escrita, no que se refere à concordância verbal, situa-se antes de tudo nos fatos de maior domínio da criança e até do falante em geral: nenhum falante tem problemas com o plural de *coração*, mesmo desde cedo, mas tem com *avião*, por exemplo, até que a experiência, conjuntamente com o monitoramento da escola, force-o a modificar seu comportamento lingüístico. Mas palavras como *chapéu* e *degrau* deixam dúvidas por muito tempo, diferentemente de *européu* e *plebeu*, cujo plural também se realiza apenas pelo acréscimo de -s. Se é assim, não seria o caso de se pensar que o léxico (sua aquisição, característica, familiaridade por parte do falante) não tem uma participação muito

mais crucial do que até então se pensou? Será que a regra de concordância, tirante os casos de plurais regulares, não depende muito mais da experiência, do conhecimento por parte do falante das formas de plural dos itens, em função do uso, familiaridade e outras razões?

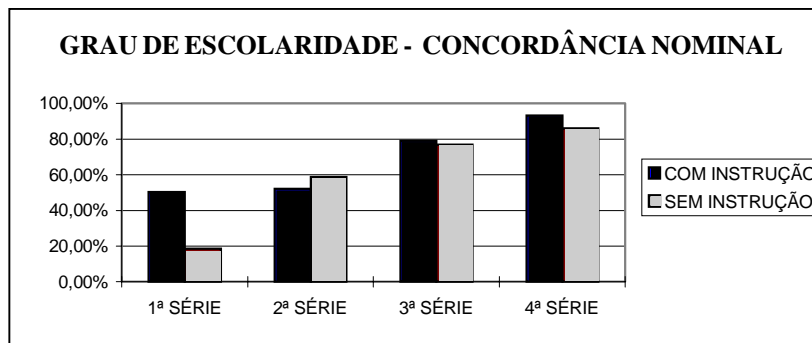
Quando se correlaciona saliência fônica por série, separadamente, os resultados parecem confirmar o que estou postulando. Durante o letramento, a escola trabalha a concordância nominal nos casos das formas de plural regular em relação ao qual os falantes não tem muita dúvida. Palavras que oferecem problemas, mesmo para falantes adultos, não são trabalhadas, ainda que o plural se forme também regularmente. Nesses itens, uma orientação explícita caso a caso é extremamente eficaz, conforme se reflete nos resultados obtidos (cf. Mollica, 1999), especialmente se se comparam os resultados da 1ª. em relação à 4ª. série: os índices de concordância em itens lexicais cujo plural é mais problemático por qualquer razão elevam-se substancialmente nos grupos que receberam instrução explícita a respeito. Isso nos conduz a pensar que a escola deve trabalhar a concordância com muito cuidado, respeitando as peculiaridades envolvidas que estou aqui apontando: **dificuldades de formar plural em itens lexicais específicos, afora o processo regular e os mais simples de formação de plural.**

de, no máximo, três elementos, portanto todos os outros que envolvem a concordância nominal em português não foram examinados.

Ressalto, por outro lado, que é forte a suspeita de que a aquisição da concordância nominal na escola deve envolver tanto a compreensão e aplicação de regras quanto a aprendizagem da formação específica do plural de algumas palavras. Se essa suposição é verdadeira, na prática, o processo de letramento deverá encarregar-se de trabalhar tanto com regras quanto com a formação do plural de palavras que oferecem dificuldades para todos ou quase todos os falantes. Sendo assim, é bastante provável que a escola não consiga um sucesso completo no que se refere à concordância, pois jamais dará conta de todos os casos especiais de formação de plural, uma vez que ficarão à mercê da sorte, da experiência.

Vou mostrar a seguir os resultados relativos ao comportamento da variável sexo para a concordância na escola. O gráfico IV reflete os índices gerais de concordância de 1ª. a 4ª. série distinguindo meninas e meninos.

O que ficamos sabendo pelo gráfico IV é que as meninas têm, em geral, um desempenho melhor quanto à concordância que os meninos. No entanto, esta nem é uma realidade absoluta, nem a diferença é tão grande quanto inicialmente se pensa, conforme se pode observar no gráfico subsequente que relaciona sexo e escolaridade.



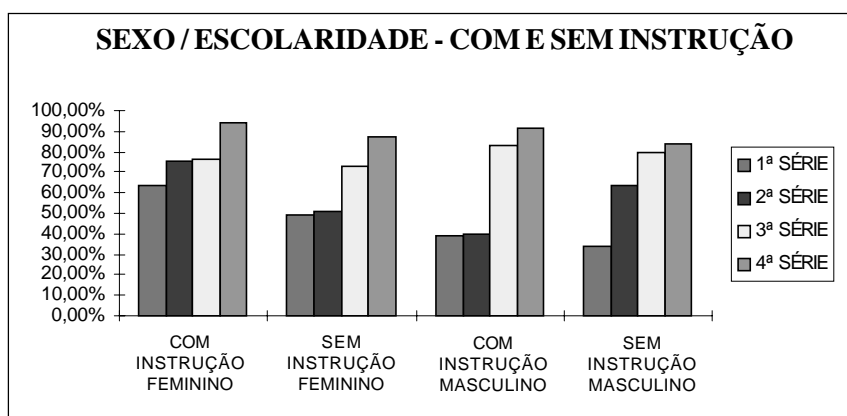
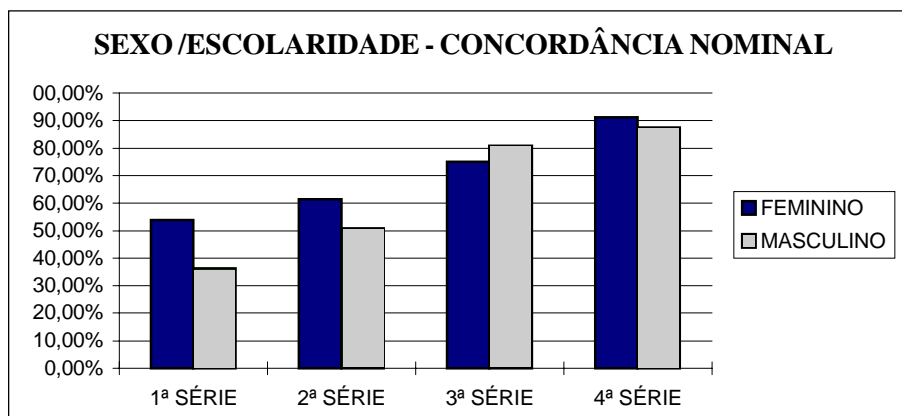
A prova de que a instrução controlada sobre a regra e sobre os casos em particular vale à pena é demonstrada no gráfico III a seguir, no qual são expostos os índices de concordância por grau de escolaridade, distinguindo-se o desempenho dos grupos com e sem instrução.

Com exceção da 2ª. série, os grupos fortemente monitorados (com instrução) reponderam ao teste mais de acordo com o padrão em relação à concordância nominal. No entanto, o gráfico II nos mostra também que a escola é extremamente eficaz quanto à concordância, pois os alunos apresentam índices da regra numa curva ascendente à medida que avançam no processo escolar.

Devo observar que, até onde pude realizar os experimentos, não sei se a regra é adquirida 100% , e se isso de fato é verdade, há que se saber em que ponto da escolarização acontece. Por outro lado, saliento que os testes incluíram somente sintagmas

Quando sexo e escolaridade são correlacionados, observa-se que os meninos apresentam-se sempre abaixo em relação às meninas quanto à concordância nominal, de uma forma mais acentuada nas duas primeiras séries; na terceira série, os meninos são até ligeiramente melhores que as meninas e, na quarta série, há praticamente uma equiparação entre meninos e meninas. É digno de nota o fato de que a aquisição ascendente e gradual, que se observa no gráfico da 1ª. a 4ª. série, verifica-se em ambos os sexos, semelhantemente ao que já encontrei para outras regras (cf. Mollica, 1998): ao final da 4ª. série, o índice de concordância já é bem alto, demonstrando que o processo escolar é eficaz quanto a essa regra que, por sinal, é extremamente trabalhada na escola e cobrada por professores e em exames em geral, em função do seu estigma social acentuado.

A seguir, passo a discutir a pertinência do fortalecimento de um monitoramento mais explíci-



to para a regra de concordância nominal além do que a escola já vem fazendo.

Pelo gráfico V, fica demonstrado que uma orientação intensificada quanto à concordância surte efeito mais imediato nas meninas, já na 1ª. série, enquanto, nos meninos, o efeito é sentido apenas na 3ª. série. Esses resultados corroboram de forma contundente o que já sabemos: as meninas são menos resistentes a regras, mas os meninos acabam por aceitá-las. Pelos resultados mostrados, meninos e meninas sujeitam-se bem a um processo mais intensificado quanto à orientação com relação à concordância nominal, embora seu efeito resulte em diferença pouco significativa quando atingem o nível escolar de 4ª. série.

### À guisa de conclusão

Quero deixar claro que, neste texto, expus e discuti alguns poucos resultados de uma única regra das muitas que já venho testando no âmbito da escola. Há muitas considerações sobre as investigações aplicadas quanto à concordância nominal se se consideram também as variáveis 'posição dos elementos dentro do sintagma nominal' e 'marcas precedentes à luz das peculiaridades da língua escrita'. Pretendo aprofundar minhas reflexões sobre outros pontos em foruns científicos da área e em futuras publicações, quando mais evidências serão reunidas para confirmar ou infirmar as hipóteses aqui levantadas.